

Quanto vale um estádio de futebol?

- Francisco Fernandes

Celebram-se, por estes dias, 99 anos de vida do Clube Sport Marítimo da Madeira, comemoração necessariamente marcada pela proximidade do centenário e que, para além da natural onda de entusiasmo clubista que o arredondar dos anos sempre suscita, é-o também pela eminente concretização de um sonho de anos: o de ter uma instalação desportiva condigna com os pergaminhos, com a história, com o percurso desportivo do clube e com o mérito da cidade.

Se juntarmos o mediatismo do desporto ao impacto das obras públicas ou indirectamente financiadas pelo erário público, como é o caso, temos tema de conversa, de palpite, de controvérsia, de muitas 'certezas' e de raras 'dúvidas'.

As perguntas sacramentais são: **“Quanto custa?”** ou **“Quanto vai custar?”**, e tudo o mais passa ao lado.

Custar, verbo transitivo, tem o sentido de: “ser vendido ou comprado pelo preço de”, “causar a despesa de”, “ser obtido a troco de” (cf dicionário Priberan).

Na minha opinião é a pergunta mais fácil e, logo, a de mais simples resposta. Mas não é a questão certa a colocar!

Melhor se diria: **“Quanto vale esse novo Estádio?”**

Valer, verbo transitivo, tem o sentido de “ter o valor de”, “ser equivalente a”, “representar o valor de”, “ser digno de”, “ser a causa de (algo); ter (algo) como consequência”.(Idem)

Ora, aqui a resposta já é não tão imediata. Carece maior elaboração e pesquisa, suscita um conjunto de outras questões acessórias que, no seu conjunto, permitem avaliar o investimento e a sua repercussão pública, social, desportiva e económica. No fundo é isso que interessa, ou devia interessar ao cidadão. É isso que deveria motivar a informação, é isso que deveria suscitar a discussão.

Se bem que não nos seja possível responder a todas as questões, que obrigariam a uma análise mais profunda, vejamos:

Quantos postos de trabalho são criados/mantidos com esta obra, só na fase de construção?

Tanto quanto nos foi dado apurar estão afectos directamente à obra dos Barreiros cerca de 200 trabalhadores do empreiteiro principal que, desta forma e num período de um ano e meio/dois anos, têm assegurados os seus salários, não contando com os postos de trabalho indirectos que na construção, nos acabamentos e nas especialidades ocupam empresas, profissionais liberais, sub-empreiteiros e seus trabalhadores.

Qual o retorno fiscal do investimento público?

Questão muito importante para a Região num momento em que as receitas fiscais resultam da afectação real dos impostos aqui cobrados ou gerados. Entre IVA, IRS, IRC, Segurança Social, ISPP e Iva s/ ISPP, estima-se um retorno fiscal de 6,2 milhões de euros, falando apenas do empreiteiro principal, descurando novamente as demais empresas que dão contributos para a obra.

Outros aspectos a reter estão relacionados com o mercado regional, cujas respostas não podemos quantificar, mas para as quais devemos estar sensíveis. Por exemplo:

Qual a componente de materiais consumidos e serviços prestados e qual o impacto na economia regional de tais aquisições?

Que outras áreas de negócio esta infra-estrutura pode potenciar, uma vez construída?

Quantos postos de trabalho, directos e indirectos, vai criar?

Qual a dimensão de motor económico que uma nova centralidade pode provocar?

Já no âmbito da gestão pública do espaço desportivo pré-existente, colocam-se duas questões fundamentais:

Qual a poupança pública resultante de deixar de ser a Região a manter, a conservar e a assegurar os consumos do (velho) Estádio dos Barreiros?

Os dados históricos apontam para cerca de 200.000,00 €/ano, entre água, gás, electricidade, comunicações, manutenção, tratamento relvado e funcionários.

Qual o montante de investimentos públicos que o (velho) Estádio dos Barreiros iria exigir a curto prazo para continuar a ser homologado para competições nacionais e internacionais?

A pertinência desta questão radica no facto de, por ocasião das sucessivas fiscalizações anuais da Liga de Futebol Profissional, sempre foram apontadas deficiências à infra-estrutura desportiva, quer derivadas ao seu estado de degradação, quer da própria concepção do estádio face aos regulamentos nacionais e internacionais e suas exigências de segurança. Nos anos em que houve participação nas competições europeias, foi necessária condescendência por parte dos auditores para que o estádio fosse homologado.

O Estádio necessitava substituição integral das 11.000 cadeiras, da montagem de um sistema de vídeo-vigilância, de um sistema de controlo electrónico de entradas, não dispunha de percursos de circulação autónoma para a comunicação social e para vip's, a zona de cobertura é reduzida face às assistências médias, os balneários estavam completamente desadequados ao nível de competição, não dispunha de sala de conferências de imprensa, não tinha ginásio, etc., tudo aspectos merecedores de relevância nas ditas auditorias. Para tal, estava já preparado um anteprojecto em sede do IDRAM, entidade até agora gestora do espaço, destinado a ser desenvolvido e sujeito a concurso no decurso do presente mandato do Governo Regional. A estimativa dos custos dessa remodelação ascendia a 24 milhões de euros.

Embora as comparações puras e simples tragam sempre o efeito pernicioso da não consideração de factores essenciais, tais como a (des)continuidade do território, as economias de escala, a diferença entre as construções de raiz e as remodelações, as acessibilidades pré-existentes, a dimensão, a natureza dos terrenos de implantação, etc., não deixa de ser interessante olhar os números inerentes aos estádios do Euro 2004:

| | |
|-----------|-------------|
| Guimarães | 27.000.000 |
| Algarve | 34.000.000 |
| Coimbra | 38.000.000 |
| Bessa | 44.000.000 |
| Aveiro | 47.000.000 |
| Leiria | 48.000.000 |
| Braga | 84.000.000 |
| Alvalade | 98.000.000 |
| Luz | 114.000.000 |
| Dragão | 115.000.000 |

Num mero exercício matemático, mas com algum significado, vejamos o valor investido por habitante das cidades onde estão implantados os Estádios Euro 2004, e compare-se com o investimento no Estádio dos Barreiros:

| Cidade | Investimento | Habitantes | Inv/€ hab |
|---------------|---------------------|-------------------|------------------|
| Leiria | 48.000.000 | 43.000 | 1.116 |
| Aveiro | 47.000.000 | 55.000 | 855 |
| Porto | 159.000.000 | 216.000 | 736 |
| Faro+Loulé | 34.000.000 | 53.000 | 642 |
| Guimarães | 27.000.000 | 52.000 | 519 |
| Braga | 85.000.000 | 176.000 | 483 |
| Lisboa | 212.000.000 | 490.000 | 433 |
| Coimbra | 38.000.000 | 101.000 | 376 |

| | | | |
|---------|------------|--------|-----|
| Funchal | 31.000.000 | 98.000 | 316 |
|---------|------------|--------|-----|

Finalmente temos a questão da proporcionalidade dos investimentos públicos. A capacidade do Estádio dos Barreiros (renovado) rondará os 10.000 lugares, ou seja, cerca de 10% da população da cidade. Agora repare-se nos casos de Leiria, Aveiro, Faro+Loulé e Guimarães em que os estádios têm dimensão para lá meter toda a população da cidade, com idade de “ir à bola”! E, por isso, estão “às moscas”, já se falando e demolição, num caso, e, pasme-se, em aumento de capacidade, noutra.

Lembro-me bem do que disse há dois anos (ou talvez há três!) ao dirigir-me aos associados do CSMM no dia da apresentação da equipa profissional. O percurso é longo e não tem sido fácil. Ainda há muros para transpor. Só descansaremos no dia em que a fita seja cortada!

Funchal, 23 de Outubro de 2009